

nº ZEROØ

JORNAL LABORATÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ - número 30 - 2016.2

Foto: Rafael Neadermeyer



Um passeio pela
vila mimosa



EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Roberto Leher

ECo

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Direção: Amaury Fernandes

Coordenação do Curso de Jornalismo: Cristiane Costa

Coordenação do Núcleo de Imprensa: Cecília Castro

n°ZERO

Edição número 30 - 2016/2

Informativo produzido pelos alunos da Escola de Comunicação da UFRJ

Coordenação Acadêmica: Cristiane Costa

Coordenação gráfica e design: Cecília Castro

Estagiários: Letícia Amorim e Wallace Nascimento

Este número foi produzido com matérias elaboradas pelos alunos da disciplina Jornal Laboratório.

TIRAGEM: 500 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Bem-vindo à famosa Vila Mimosa

Das mulheres do mangue às

meninas da vila: a história da mais antiga zona de meretrício do Rio de Janeiro

Jan Niklas Jenkner

“Psiu, psiu... ei, você mesmo... vem aqui”. Susurros abafados por funk, sertanejo e pop internacional em volumes estridentes. O cheiro azedo de uma mistura de cerveja, vodka e energético derramado exala do chão. Sobrados e puxadinhos improvisados se amontoam ao longo da pequena rua. Três becos escuros com clima noturno mesmo às 14h da tarde são os pontos mais movimentados. Espalhadas pelo cenário mulheres seminuas, caminham, jogam sinuca, conversam com potenciais clientes ou dançam. “Psiu, psiu” – insiste a voz – “Qual seu nome?”. O repórter se apresenta revelando a intenção jornalística da visita e devolve a pergunta. “E você, como se chama?” Ela responde se afastando: “Não tenho nome. Não sou ninguém”. Bem-vindo à Vila Mimosa.

Localizada na rua Sotero dos Reis, imediações da Praça da Bandeira, a zona de meretrício mais famosa do Rio de Janeiro reúne 70 “casas” – como são chamados os bordeis do local. Mais de mil prostitutas batem ponto diariamente no lugar, num total de 4 mil registradas pela Associação dos Moradores do Condomínio Amigos da Vila Mimosa (Amocavim). Porém, a fama e origem do ponto remontam a outras épocas.

Originalmente a zona de prostituição apelidada de VM encontrava-se no local onde hoje é o prédio Teleporto e o complexo da prefeitura do Rio de Janeiro, não por acaso apelidado pela população de “Pira-nhão”. Chamada então de “Zona do Mangue” (atual Cidade Nova), era frequentada por homens de todas as classes, inclusive por ilustres como Manuel Bandeira, Lasar Segall, Cartola e Luiz Gonzaga.

Mais antigo ponto de prostitutas da cidade, estabeleceu-se na segunda metade do século XIX. Segundo a historiadora Bia Kuschnir, autora do livro “Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição”, a localização próxima à zona portuária é uma das razões que levaram ao surgimento do local. Porta de entrada para marinheiros e imigrantes, a zona atraiu esse tipo de relação social. “A cidade do Rio de Janeiro se caracteriza como porto de trabalho para mão-de-obra imigrante. Uma cidade de imigrantes significa mais homens do que mulheres, tornando-a também mercado propício a prostituição” – destaca a autora.

No entanto, em meados da década de 1980, empresas e o poder público começaram a manifestar interesse em ocupar a região. Nesse embate entre as cafetinas e prostitutas contra os projetos de remoção da área, surgiu entre as



Nos anos 80 a Vila Mimosa ainda funcionava na Zona do Mangue, final da Presidente Vargas onde hoje é a Prefeitura

mulheres do mangue uma organização política de resistência. Desse movimento apareceram grandes lideranças como Gabriela Silva Leite, fundadora da ONG DaVida e uma das idealizadoras da grife Daspu.

Apesar da resistência, a Vila Mimosa foi por fim removida em 1996 na gestão de César Maia. Cerca de 3 mil prostitutas foram indenizadas na época. Em sintonia com a luta que vinham promovendo, e a condição de união que alcançaram, juntaram-se para comprar um galpão na rua Sotero dos Reis, atual loca-

lização da zona.

Tal mudança, porém, não ocorreu sem disputas e conflitos. Comerciantes e moradores do entorno da Praça da Bandeira não gostaram da nova e notável vizinhança. Organizaram protestos, queimaram pneus e chegaram a fechar a Avenida Radial Oeste em manifestação contra a vinda das prostitutas. Sentiam medo do estigma carregado por aquelas mulheres.

No entanto o movimento da Vila Mimosa acabou trazendo prosperidade econômica para a região. Hotéis, bares e restaurantes

antes vazios passaram a lotar. Os antigos moradores, a princípio relutantes, passaram a ver naquilo uma oportunidade para ganhar dinheiro. Assim, mais estabelecimentos foram abertos e ampliou-se a variedade de negócios. Hoje, além dos bordeis e biroskas, a VM conta com salões de beleza, lojas de lingerie e uma lan-house.

O local é uma zona de prostituição exclusivamente feminina. As Genis “do mangue do cais do porto” de Chico Buarque, não têm vez na área. Desde a época do mangue são as mulheres

que formam a linha de frente. Travestis e michês são proibidos de atuar por ali.

Frequentam o local homens jovens, de meia idade e lésbicas – sendo estas consideradas as melhores clientes por muitas meninas da vila. A circulação é mais intensa nas sextas e sábados à noite. Além dos transeuntes, desfilam pela rua carros de clientes que vão de modelos econômicos à carros de luxo com vidros escuros. Seguranças contratados pelos comerciantes fazem a guarda da rua.

Um rapaz de 20 anos, que prefere não se identi-

ficar, diz que frequenta o local apenas para beber e “zoar” com os amigos. “Às vezes a gente vem aqui só para fazer um ‘esquentar’. Elas mexem com a gente, a gente mexe com elas, só diversão mesmo”, conta o morador da Tijuca que garante nunca ter contratado um programa. Seus amigos, no entanto, pagam de R\$ 50 à R\$ 150 para em média 20 minutos de prazer.

A antropóloga Soraya Silveira Simões, coordenadora do Observatório da Prostituição da UFRJ, em seu livro “Vila Mimosa: Etnografia da Cidade Cenográfica da prostituição carioca”, descreve a região como sendo um “espaço reservado pela sociedade ao desvio, à flexibilização das normas e etiquetas”.

A autora destaca que esses lugares da cidade têm uma dimensão simbólica relacionada à sua localização geográfica. No imaginário urbano, tais referências acabariam tornando-se compartilhadas por todos. Daí surgirem classificações como “meninos de rua, travestis da Lapa e das putas da Vila Mimosa”.

Para Soraya a VM é um território “moralmente” separado do resto do entorno. Adentrar suas fronteiras é entrar em um jogo de encenação, com comportamentos simultaneamente previsíveis e inesperados, que “dá aos autores papéis que só ali são desempenhados”.

Foto: Cláudia Rangel Overmundo

A míngua da Mimosa

Tempos difíceis na maior zona de prostituição heterossexual do mundo

Nicollas Witzel

Quando a lua atinge no céu às 8 h da noite, alguns moradores da rua Sotero dos Reis saem pro trabalho. Localizada no centro da Vila Mimosa, uma das maiores zonas de prostituição heterossexual do mundo, a rua reúne toda sorte de comércio ilegal. A silhueta de uma mulher equilibrada em um peep-toe de baixa qualidade se destaca na esquina mal iluminada. Ela foi a primeira a chegar. Não demora para que um carro se aproxime, reduzindo a velocidade e os faróis. A conversa é rápida, *small talk*. Ela dá a volta pela frente do veículo e abre a porta do carona. O motorista faz menção de sair, mas encosta em uma área de estacionamento logo à frente. As lanternas do carro se apagam, as pessoas que vêm e vão não notam o balanço do carro. São 20h12, horário comercial na Vila.

A essência da Vila Mimosa, também conhecida pela sigla VM, nasceu no Rio de Janeiro, quando um grupo de mulheres do Leste Europeu desembarcou no porto fugindo da Primeira Guerra Mundial. As “polacas”, o primeiro de muitos apelidos, vieram pobres e sem maridos. Muitas eram judias. O próprio porto, à época central no Brasil e lotado de marinheiros que voltavam de longos períodos na solidão do Atlântico, era convidativo para os serviços informais. Não tardou para que chegassem os aliciadores, que iam até os países com altos índices de emigração para convencer jovens fugitivas de que o Rio de Janeiro ofereceria uma nova perspectiva,



Mulheres posam em frente a um muro pixado na Vila Mimosa. Zona de prostituição resiste há 20 anos como uma das maiores do planeta

longe da guerra. Elas eram nativas de regiões agrícolas e pouco desenvolvidas e não demoraram a ceder para o único trabalho em que qualquer candidata é aceita. Fato é que tinham pele branca, olhos e cabelos claros, um ideal de beleza tão antigo quanto sua nova profissão. Recém-chegadas, as estrangeiras foram incorporadas aos esquemas ilegais e perseguidas pelos puritanos e pela polícia e, é claro, pelas outras prostitutas.

Com a política de modernização e refinamento da cidade promovida pela gestão municipal da época, as prostitutas rapidamente foram expulsas do centro. Mandadas em direção aos subúrbios da cidade, acabaram se estabelecendo no bairro do Estácio, onde se misturaram com as prostitutas brasileiras e inauguraram o que ficou conhecido como a “Zona do Mangue”. Em 1982, a

prefeitura de Júlio Coutinho (PMDB) requisitou a remoção da zona, alegando que no espaço seria erguido um centro administrativo. Ali foi incrustado o prédio que hoje abriga a prefeitura municipal da cidade, e que acabou apelidado de “piranhão” em homenagem às antigas ocupantes. A prefeitura mudou a Vila de lugar o quanto pode, na medida que o centro crescia e retomava áreas que faziam parte da zona de meretrício. No último rearranjo, um grupo de prostitutas e comerciantes recebeu a indenização por despejo e comprou um galpão na Praça da Bandeira, inaugurando a Vila Mimosa que ali permanece há 20 anos.

Hoje a Vila já não conta com o glamour das polacas europeias. A maioria das moradoras são mulheres pobres vindas das zonas Norte e Oeste, além de pessoas com algum tipo

—
“Eles chegam aqui de terno e gravata, cara de cansado. Faço massagem”
 —

Éricka C-K

de distúrbio psicológico ou vícios e até mesmo universitárias necessitadas de renda extra.

Permaneceram os aliciadores, a perseguição e os botecos, que acompanharam quase todas as mudanças da Mimosa. “Cheguei aqui há 13 anos e já era tudo assim. As vezes a gente arruma um buraco, reboca uma parede. Na base da vaquinha”, conta Éricka, que faz questão de frisar o C-K, sua marca. “Igual Calvin Klein”, ri.

No total, são 70 casebres que compõem a Vila, em cada um existem no mínimo 10 quartos. Quase todos os estabelecimentos funcionam 24 horas, mas é consenso que a hora do rush começa depois que o comércio legal, fora dos limites da Vila, fecha as portas. “Tem muitos que chegam aqui de terno e gravata, a cara de cansado. Sempre pergunto ‘ô meu amor, veio do escritório? Tá cansado? Faço massagem’”, conta Éricka com C-K, que cobra R\$ 80 pelo serviço, preço acima da média local. “Mas tem final feliz.”

De acordo com dados coletados e processados pela Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCVIM), durante as noites de sexta-feira e de sábado cerca de 4.500 pessoas (em torno de 3.000 homens e 1.500 mulheres) transitam no complexo da Vila Mimosa. Para a segurança da Rua

Sotero dos Reis e interna, uma equipe à paisana é paga pelos proprietários das casas para rondar as ruas do complexo.

Não são permitidos travestis ou garotos de programa trabalhando no local. Segundo os locais, para preservar a tradição. Mas é consenso entre os comerciantes da Vila que a crise econômica chegou na rua Sotero dos Reis. Todo tipo de serviço ali prestado está experimentando uma retração de lucro, de salões de cabeleireiro a botecos, além dos tradicionais casebres de prostituição.

O lucro dos bares é atrelado ao sucesso das meninas e vice-versa. “Há alguns anos isso aqui era movimentado. Eu chegava para trabalhar de manhã e só saía de madrugada. Hoje, no final da tarde já não atendo mais ninguém”, conta o cabeleireiro Marcos Venâncio, de 30 anos, que trabalha no segundo andar de um sobrado.

Aprostituição também enfrenta a pindaíba. “Eu fazia 20 programas por noite. Hoje, para conseguir 10, está suado. Antigamente o homem parava, te olhava e vamos. Pá-pum. Agora, tem que fazer muito charme, saber chegar. Quando o Flamengo joga enche mais. Se ganhar, é melhor ainda. Vasco e Fluminense não enchem tanto”, conta Joyce, de 27 anos, residente há cinco na VM.

Segundo a legislação brasileira, manter um estabelecimento qualquer de prostituição é considerado crime, o que torna a Vila Mimosa um negócio ilícito. No contrato legal que atualmente permite aos estabelecimentos da Vila abrirem as portas, está especificado que o galpão é uma iniciativa comercial, sem explicitar o uso do espaço e as finalidades dos serviços que são prestados. Muitas

casas de prostituição foram loteadas como residências, que depois foram todos transformadas em locais de comércio.

Uma brecha na regulação de zoneamento da prefeitura do Rio permite que não só a Vila Mimosa como vários estabelecimentos à margem da lei funcionem sem serem importunados pelas autoridades, especialmente no subúrbio. Já os bares funcionam com seu registro legal de comércio. “Aqui é assim, no jeitinho. Não dá para legalizar as casas senão inventariam logo um imposto pra gente”, diz Nelson, de 53 anos, dono do bar que serve de esquentado para o casebre de Éricka. “A gente é um time, eu embaixo e ela em cima”, brinca, apreciando o trocadilho.

Apesar do lugar ser conhecido como zona de prostituição de baixo merecimento, isto é, de garotas de programa e clientes pobres, estima-se que a Vila Mimosa movimenta mais de R\$ 1 milhão por mês. Durante a Olimpíada do Rio, correu o boato de que os tempos áureos voltariam à Cidade Nova. O evento não só foi um fracasso comercial para boates, bares e garotas, como um jornalista inglês plantou uma notícia falsa sobre o esforço da Vila para atrair clientes estrangeiros.

“Veio aqui, pediu pras meninas segurarem um cartaz que ele fotografou, e foi isso. Não tinha esse cartaz na Vila Mimosa. O repórter pediu que as meninas segurassem o papel, enquanto batia as fotos. Pagou R\$ 150 por isso”, contou a assistente social Cleide Almeida, que faz trabalho social com as moradoras locais

O enviado Matt Roper publicou a reportagem durante o mês de julho no jornal “Daily Mail”. “A gente tava achando que ia lucrar com essa Olimpíada,

que ia ter demanda. Eu mesma estava pronta pra fazer fortuna. Fizemos um bom churrasco, festinha, mas o movimento foi fraco igual ao ano da Copa”, diz Aline, de 27 anos, que não mora na Vila mas tentou a sorte durante os grandes eventos.

A amiga Gabriella, de 36 anos e moradora há 18, completa: “Nunca estive tão ruim, e gente está um pouco desesperada. Não veio nada na Copa, e pouco na Olimpíada. Muitas meninas mais novas fazem qualquer coisa para arrumar cliente, até sexo sem preservativo! Eu jamais faria isso”.

Com ou sem crise, a Vila Mimosa resiste há duas décadas entre as esquinas da Sotero dos Reis com a rua Ceará. O comércio irregular procura formas regulares de se manter, na medida que a prata da casa vai perdendo o valor. Hoje em dia as dificuldades financeiras chegam a praticamente todos os setores funcionais da área. Não é difícil de reparar uma crescente preocupação dos frequentadores, dos fornecedores e de todos que dependem daquele espaço para conseguir o de sustento diário. Alguns moradores de muitos anos pensam em mudança, mas só uma pequena parcela tem condições financeiras para deixar a Vila.

Apesar da economia minguada, por ali não há quem acredite que a Mimosa tem fim. Moradores e os frequentadores mais fiéis evocam a histórica local para explicar a resistência do espaço e da gente. “Isso aqui já aguentou muita coisa, muita mesmo. Não é uma crise de bacana que vai fechar a nossa Vila”, diz Éricka C-K, enquanto reforça o batom vermelho e aperta o salto no pé. São 8:36 da noite de uma sexta-feira pouco movimentada.



Felipe Damasc/AP

Clima pesado, segurança reforçada

Mesmo um outsider não se sente intimidado na Vila Mimosa

Lucas Bettoni

Um Uno branco com placa de Belford Roxo estacionado próximo a entrada da Rua Sotero dos Reis por volta das 13 horas de uma terça-feira. Alguns metros adiante existe um estacionamento improvisado, mas o rapaz que desce do carro parece não se dar conta disso. Ele checa cada uma das quatro portas para se certificar que todas estão trancadas, anda alguns passos e pára. Dá meia volta em direção ao carro e novamente estanca. Ele parece indeciso se aquele é um bom lugar para deixar o carro, ou quem sabe indeciso se aquele é um bom lugar para estar. Na mão direita uma aliança dourada leva a crer que é comprometido.



Os becos são sujos e fétidos, mas atraem gente de todas as partes da cidade, especialmente de noite

“Aqui é o paraíso, esse lugar tinha que ser tombado pela prefeitura”
Edinei

Ele tira a carteira do bolso de trás da calça social e parece contar as notas que traz. Novamente ele se vira e começa a caminhar, verifica alguma coisa no celular e olha de relance o carro. O conjunto camisa e calça social destoam do relógio de pulso extra grande, do cordão dourado com uma cruz, e do tênis esportivo.

O dia está quente, o suor que escorre em sua testa pode tanto indicar calor como apreensão, ansiedade. A uma distância de uns 100 metros de onde estacionou, ele para em frente a um bar,

olha com atenção e segue. Diante da casa 26, uma mulher de meia idade dança ao som de Anitta. Ele a observa por um instante e entra no longo corredor que dará acesso a uma miríade de pequenas boates e centenas de mulheres a espera de um cliente.

Exatos 44 minutos depois de entrar o homem sai, verifica o celular e observa novamente a mulher de meia idade dançando, vestida apenas com a parte de baixo de um biquíni rosa com laços amarelos. Ele hesita e resolutamente vai em direção ao carro. Ele teve a preocupação de guardar a aliança. Kátia, a mulher de meia idade e biquíni rosa, ao saber sobre a aliança diz enfática: “Homem é tudo trouxa”.

Kátia não faz ideia com quantos homens já se deitou. “Sei não lindinho, coloca aí 5 mil, 10 mil”. Entre 5 mil e 10 mil há uma diferença grande, mas ela parece não pensar dessa forma. “Que

diferença faz?”, questiona a mulher, que não revela a idade, mas não se intimida em revelar dois abortos e o vício em cocaína. Ela fala sobre esses temas com naturalidade, mas não aprofunda, parece cansada das perguntas.

Sobre os clientes também enquanto isso uma outra mulher se aproxima de Kátia e se senta nos degraus da pequena escada de acesso ao bar. Tanto a escada como o pequeno bar estão imundos, uma imundície que parece remontar há anos. Ela acende um cigarro e também só usa a parte de baixo de um biquíni cavado, azul, acompanhada de um par de saltos de uma das passistas de escola de samba.

A música é estridente, uma cacofonia ensurdecedora. Os ritmos são variados, cada bar toca o que quer no volume máximo, em alguns momentos a impressão é estar em uma casa noturna a céu aberto. De repente os versos de “Preciso me en-

contrar”, do Cartola, seguido por “Se eu largar o freio”, de Péricles, tocam a todo vapor junto ao funk e à música eletrônica dos bares vizinhos.

Dois homens usando macacão azul, estampado com o logo de uma empresa de logística sediada em São João de Meriti, entram na Casa 26. Eles saem juntos logo depois, sentam em uma mesa, pedem uma cerveja. “Eu venho aqui toda semana”, diz o que aparenta ser o mais velho. “Aqui é bom, eu conheço as meninas, já tenho as minhas preferidas, a gente tem que se divertir, não é não?”

O outro se limita a dizer que prefere as garotas de programa porque elas sabem como fazer. Ele acha curioso eu estar ali. “Mas você veio aqui só para saber porque a gente gosta de puta? Vocês da Zona Sul não gostam de puta não?”

O movimento nas várias casas da Vila Mimosa não é tão intenso durante a tar-

de. Há mais profissionais do sexo que fregueses. Os néons e as luzes nunca desligam. A Vila Mimosa nunca fecha e segundo Walter, atendente provisório do bar da Casa 26, durante a noite ferve.

O fluxo de clientes é constante, muitos táxis chegam para deixar algum homem sozinho. Alguns taxistas até aguardam o passageiro enquanto ele se diverte. O clima é um pouco pesado, mas mesmo um outsider não se sente intimidado. Apesar da sujeira e da imagem de submundo que carrega, a Vila Mimosa é democrática, não há distinção entre clientes, todos são bem-vindos.

Alguns homens circulam com grandes maços de dinheiro nas mãos, sem preocupação se estão sendo vistos. Edinei é um homem baixo e com a barriga proeminente, é calvo e falastrão. Segundo conta, ele já “testou” muitas das mulheres e que elas o adoram, diz ser muito generoso com todas. “Aqui é o paraíso, esse lugar tinha que ser tombado pela prefeitura”, brinca.

Apesar da fama de ser um lugar que atende a todos os gostos e que atrai homens de todo tipo, em geral o aspecto dos clientes que circulam pelo lugar é o de pessoas mais simples, operários com seus uniformes, homens empapados de suor debaixo de sol a pino. Edinei se despede e logo abraça uma menina nova, de fartos peitos à mostra. A música se encerra e Walter rapidamente coloca um tecnobrega, em seguida aumenta ainda mais o som. A mistura do som da música com a dos outros bares, torna o ambiente ensurdecedor. Ninguém aqui se queixa de barulho.

Crédito da foto

A Hierarquia da Vila Mimosa

Como é organizada a relação financeira dentro de uma área de prostituição

Gabriel De Martin

A Vila Mimosa é conhecida por ser uma das maiores e mais famosas áreas de prostituição da América Latina. Mas o que poucos sabem é que a região tem uma série de regras e hierarquias que devem ser mantidas para um melhor convívio entre os moradores, os donos e gerentes das casas, as prostitutas e os frequentadores; além de não envolver apenas prostituição.

Quem trabalha lá, como gerente ou garçom, assume não haver agenciamento de prostituição no local.

O lugar é dividido em várias casas que, de acordo com seus donos, não cobram nenhuma porcentagem pelos serviços prestados, apenas o valor do aluguel do quarto. As garotas de programa decidem quanto irão receber.

A região tem uma associação de moradores e as presidentes explicaram um pouco como é a relação entre quem trabalha lá.

Os proprietários das casas alugam para quem vai comandar tudo. Eles contratam pessoas para gerenciar as meninas que fazem programa, meninas essas que podem escolher em qual casa trabalhar e que não estão presas a nenhuma cafetão, segundo elas.

Segundo Paula, gerente de uma das casas, o proprietário não assume papel nenhum além de recolher o aluguel. São os gerentes do local que vendem as bebidas, marcam o tempo dos trabalhos e lidam com o dinheiro. “Minha patroa só vem aqui pra recolher o dinheiro e saber se aconteceu algum problema”, disse.

Durante as visitas ao local pode se perceber que não existe uma grande rivalidade entre as meninas ou entre casas vizinhas, exceto em caso



Garota sentada no bar à espera de clientes: na Vila elas não estão presas a nenhum cafetão, apenas pagam o valor do aluguel dos quartos

de contratação de menores de idade ou travestis e trans. Ambos os assuntos são evitados entre os gerentes e garçons que foram entrevistados. “Evita ficar tirando fotos e falar de assuntos polêmicos para não causar transtorno com quem estiver tomando conta das casas”, pediu Maria da Graça Gonçalves, uma das presidentes da associação.

Os gerentes, que não gostam de serem chamados de “cafetões”, são os que liberam o acesso para os quartos e para o interior do bar. “Não existe agenciamento de prostituição na Vila Mimosa, as moças só alugam o quarto, por 20 minutos ao valor de 15 reais, recebendo integralmente o valor do programa”, diz.

Eles, os gerentes, são mais abertos para conversar sobre o ambiente e as rotinas das pessoas, talvez por não estarem aprisionados a um certo comprometimento de sigilo com os clientes

que ali frequentam, ou até mesmo por não terem receio de se expor, coisa que as meninas prezam muito.

A questão do anonimato é algo de extrema importância para todos os envolvidos, porque muitas das famílias das meninas não sabem a realidade obscura de suas vidas. “Eu tenho filhos e marido que não sabem com o que eu trabalho e não gosto que tirem foto nem de um fio de cabelo meu, só por medo de ser descoberta”, disse uma das prostitutas que aceitaram conversar sobre sua rotina sob a condição de não ter o nome citado.

Além da prostituição, diversas pessoas atuam em outras funções que fazem movimentar dinheiro na Vila, e essas figuras também fazem parte do sistema. Vendedores de roupas íntimas e produtos de beleza, babás, ambulantes e donos de barraquinhas de comida, faxineiras, dentre outros. Todos ganham suas

“Não existe agenciamento de prostituição na Vila Mimosa”

vidas lá dentro sem venderem o próprio corpo, mas ainda assim temem o preconceito de olhares externos que não entendem como funciona o dia a dia na Vila Mimosa.

A gerente que aceitou dar entrevista, mas pediu para ter seu nome protegido, falou sobre algumas dessas funções. Ela disse haver uma senhora que, há mais de 30 anos, cuida dos filhos das meninas que não podem deixá-los em outro lugar. “Ela é conhecida aqui dentro por abrigar meninas que, durante o período de gravidez, desejam esconder da família que serão gestantes, além de também tomar conta de seus filhos quan-

do eles nascem e crescem.”

Outro caso é o dos vendedores de cosméticos e produtos de beleza, que ficam lá dentro, com suas barraquinhas no meio dos corredores, anunciando seus produtos. Vendem também balas, preservativos e produtos eróticos; itens comumente usados na hora do programa.

Todo esse sistema existe para que as meninas não se sintam tão oprimidas. Quem gerencia as casas também precisa respeitar, além de seus chefes, a integridade física e moral das prostitutas, oferecendo o possível para que elas se sintam seguras lá dentro, caso contrário elas mudam para alguma outra casa. Foi o que disse Paula, “Eu valorizo o esforço delas, afinal existe risco ao trabalhar com estranhos. Eu respeito, mas nunca seria prostituta, porque eu não tenho paciência para homem bêbado e fedorento querendo mandar em mim.”

Melerson Soares

Os cidadãos da Vila Mimosa

Como profissionais do sexo participam da vida política do Rio de Janeiro

Marcello Berg

O céu azul desenha e narra mais um dia ensolarado no Rio de Janeiro. Dia de trabalho, para muitos, mas não para todos. O calor que sobe do asfalto revela a alta temperatura a que todos os cariocas se submetem. Mas, por assim dizer, digamos: algumas temperaturas são mais altas do que outras.

O que isso quer dizer, afinal, não importa. Mais importante é o que isso quer e pode mostrar. O que a cidade de nuances do Rio de Janeiro nos mostra é capaz de revelar: um solo igual que abriga diferentes; a cidade mais contrastante no que se diz com riqueza e pobreza, miséria e abundância, fome e satisfação. A cidade das respostas, das perguntas e dos por quês.

Assim chegamos à Vila Mimosa. Choro de cerveja caída no chão que, com o calor, torna-se potencializado e quase nos embrebedas só de ali estar. Urina, muita urina. É a realidade de quem não tem lar.

A música alta embala o som do lugar quase que abandonado, mas, pelo que se sabe, não tão abandonado assim. É mais uma trilha sonora das vidas regadas de prazer. Ou talvez o barulho tenha de ser mais alto que o grito das almas vazias que se fazem existir lá. É a realidade de quem não tem voz. De quem nunca foi ouvido.

O Rio de Janeiro está efervescente às vésperas de eleição. Ideias opostas, de quem é conhecido do povo mas não o representa. Na Vila Mimosa, o voto não se fala. Não se fala em voto.



Os moradores da Vila Mimosa são frequente foco de manifestações políticas e religiosas que acontecem na cidade do Rio de Janeiro

É uma contradição. Quem mais sofre com a má-gestão das políticas públicas é quem tem menos peso na hora da decisão do voto. É quem mais é manipulado. É quem mais é silenciado.

É dentre o funk que é pano de fundo para a história que se conta na Vila Mimosa, co-existem histórias de silêncio. Quem não é ouvido participa da história da cidade como simples figurante. Os atores principais estão no palco.

Em meio ao caos do período eleitoral, é interessante observar o posicionamento dos cidadãos da Vila Mimosa que, nesse momento, tornam-se peças-chave na construção do futuro coletivo e do seu futuro próprio. É nesse contexto que entram os desejos políticos de conquistar nichos diferentes, no caso, o nicho da Vila

Até que ponto os cariocas estão preparados política e intelectualmente para falar da prostituição na Vila Mimosa?

Mimosa, para que se tenha a vitória na urna.

O mais contraditório é que esses pedaços do quebra-cabeça da cidade são, no restante do tempo, quase na maioria dele, totalmente esquecidos. É aí que mora a necessidade, porque, por mais que haja a importância seletiva que esses atores principais dão aos moradores da Vila Mimosa no que

diz respeito à eleição, por exemplo; nada se mostra quando se leva em conta a sua importância na questão da convivência diária com a cidade e também com as consequências de que aquela decisão da urna vai gerar.

Entra também outra questão importantíssima dessa análise da participação dos cidadãos da Vila Mimosa na vida política da cidade: até que ponto essas pessoas estão preparadas para fazer parte dessa questão política? Será que elas sabem realmente o que é fazer política? No que essas decisões políticas vão afetá-las?

Esses questionamentos são muito mais profundos do que parece porque, na estrutura e na vida da Vila Mimosa, parece que o intelecto está fora de conversa.

Há também moradores na Vila Mimosa que vivem em meio ao caos de sua música estridente e de seu odor inconfundível. Eles estão ali, esperando o socorro público que poucos podem dar. Quando frequentam esse ambiente, vão para lá de barca cheia, já mirando no querer conseguir: o voto. Não retribuindo, não ajudando.

Sem política, sem povo, sem ajuda, sem consequência. Há, portanto, grandes contradições na vida dos esquecidos na cidade: se por um lado, são vistos como figura crucial na escolha do futuro político; por outro, quando não são interessantes para essa realidade, são os últimos na ponta das consequências de investimento público que, na teoria, deveria ser “para todos”.

Relatos de uma mina do comércio

Funcionária de depósito de bebidas conta que a VM passa por uma crise

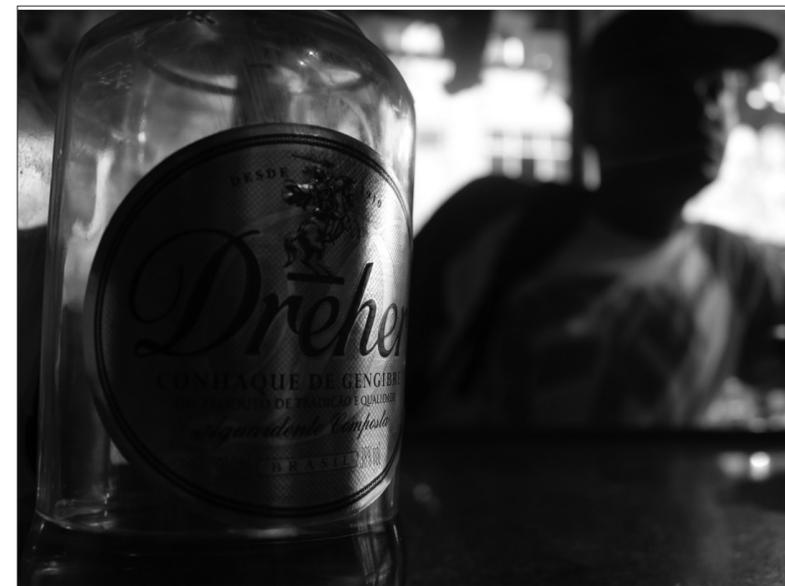
Thaís Batista

“A Vila está falindo! Pode escrever aí!”. A comerciante Daniele trabalha no comércio de bebidas da Vila Mimosa há seis anos, o último num depósito de bebidas. Lá os atendentes destes pequenos comércios são chamados de gerentes. É o caso de Daniele.

Ao contrário das moças que vendem seu corpo, a relação de Daniele com a Vila Mimosa começa quando ela, aos 21 anos, trabalhava em um restaurante na Canela, em São Cristóvão, e foi abordada por um dos donos de bar (ou depósito) da Rua Sotero dos Réis, onde se localiza o centro de prostituição. Ele ofereceu para a jovem uma oportunidade de trabalho como gerente e ela aceitou. “Eu fiquei assustada, apavorada”, conta sobre o momento em que chegou à Vila pela primeira vez.

Por isso, ninguém da família de Daniele sabe que ela trabalha lá. Eles pensam que é para um depósito, em outro lugar qualquer, que a garota vai quando sai de casa. “Se minha mãe soubesse ela me mata”, conta Daniele. Mesmo assim, ela permitiu incluir seu nome nesta reportagem.

Daniele tem uma filha de 2 anos. O pai da menina pediu um exame de DNA quando ela nasceu, ainda que ela nunca tenha contado para ele que trabalha no comércio da Vila Mimosa. “E mesmo trabalhando aqui eu nunca trai ele”, defende-se. Seu desejo é sair da Vila para fazer um curso de enfermagem. Por enquanto, este é um plano a longo prazo: ela não pode deixar o trabalho agora, pois pre-



Cliente em frente ao balcão do depósito de bebidas da Vila Mimosa onde a funcionária trabalha

cisa criar sua filha. O sonho de Daniele é que a menina estude e cresça com boa índole.

A trajetória da comerciante na Vila Mimosa é marcada por muitas experiências. Ela já ouviu histórias sobre clientes que pedem coisas estranhas às garotas de programa como fezes e urina. Outros pagam para que elas se droguem com eles. “Tem de tudo”, diz. Há também as meninas que abortam, as que contraem doenças e já aconteceu de uma delas, amiga de Daniele, ser assassinada por um cliente.

Sobre a prostituição, a gerente conta que é algo que ela nunca faria, por dinheiro algum. Apesar disso, diz que não julga o trabalho e que considera as meninas muito corajosas: “Até admiro. Bato palmas para elas”. Daniele conta que existem gartas na VM que fazem dez programas por dia. E diz que se sentiria suja fazendo

algo do tipo.

Daniele identifica uma pluralidade de perfis na clientela. E revela que é assediada por eles. Alguns já pediram para que ela vendesse seu corpo por uma noite. Em todos os casos ela desvia, explica que não é o seu trabalho. Alguns a respeitam. Outros até se tornaram amigos, mas ainda há os abusados. No momento da entrevista, aparece um destes. Ela fica incomodada e cochicha: “Odeio esse homem chato. Ele fica me assediando. Ele vem todo sábado”.

A moça fala que o cenário dali mudou muito desde quando chegou. Para ela, já não atrai mais tantos clientes como antes. “Há seis anos atrás isso aqui não era assim. Quando eu cheguei aqui, não importava se tinha chuva, se era fim de mês, se era início de mês, eram várias garotas, a maioria nuas; eram muitos homens. Nessa rua aqui

*“Todo mundo pensa: ah, trabalha na Vila Mimosa, trabalha na zona, nossa, é rica!”
Daniele*

você não andava”. Questionada sobre alguma possível razão para que a situação tenha piorado, Daniele diz acreditar que isto aconteça tanto por causa da crise econômica no país, quanto por roubos que acontecem com frequência na VM.

Ela está trabalhando na Vila Mimosa há seis anos, mas isto entre idas e vindas. Em um determinado momento Daniele foi trabalhar

fora da zona. “Eu preferia trabalhar lá fora, mas... primeiro que emprego está difícil pra caramba agora... Segundo que aqui acaba se ganhando um pouquinho a mais. Mais que um salário, só isso. Também não é tanta coisa assim. Ninguém aqui ganha rios de dinheiro. Porque todo mundo pensa: ‘ah, trabalha na Vila Mimosa, trabalha na zona, nossa, é rica!’ Nego acha que a gente tem muito dinheiro.” Uma outra colega de trabalho continua: “O povo pensa que a gente é piranha”.

A gerente, que mora em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio, trabalha por 24 horas e folga as outras 24. Apesar do cansaço, ela conta que precisa vencer as dificuldades de se manter acordada porque precisa estar atenta. Em um deslize, trabalhadores de outros bares podem furtar as mercadorias do seu depósito. “Aqui você não pode piscar, meu amor. Outro dia eu pisquei aqui e a outra gerente me roubou. Ela trabalha aqui comigo.”

Daniele diz que trabalhar na Vila é como estar numa escola da vida. Tantos anos por lá ensinaram a ela que não se pode confiar em ninguém e que não é sempre que se consegue cultivar amizades. “Aqui não tem amizade, aqui nequinho está te abraçando, te beijando, mas está metendo nas suas costas. Já falei, ninguém me engana mais aqui dentro. Já foi tempo. Antigamente eu acreditava em amizade, sabe. Hoje? Não acredito nem aqui dentro e nem lá fora. Quer aprender a ser um ser humano bom ou ruim? Vem para a zona. Você vai ver de tudo aqui dentro.”

O sagrado mora ao lado

Vizinha da Vila Mimosa, capela realiza trabalho pastoral com as prostitutas

Julia De Cunto

Aos sábados de manhã, a voz da irmã Maribel Perez Leon confronta com o som de pagode vindo do restaurante O Pecado Mora ao Lado, logo em frente à capela São José, na rua Hilário Ribeiro, paralela à principal zona de prostituição do Rio de Janeiro, a Vila Mimosa. A igreja tem um charme especial, as paredes são grafitadas com flores e palavras como “igualdade” e “amor”. É lá que há dez anos, a religiosa uruguaia se dedica a renovar a autoestima de trabalhadoras do sexo e as incentiva a buscar uma vida alternativa à prostituição. “O objetivo da missão é que

elas reconheçam o valor que têm por serem mulheres. Lá, são tratadas como coisas que se vendem, são usadas.”

Irmã Maribel entende que a prostituição é pecado, mas não trata as trabalhadoras da Vila Mimosa como pecadoras. “São mulheres de baixa renda, passam fome e fazem isso pelos filhos. São mulheres de muita coragem e enfrentam coisas que nem podemos imaginar”, afirma. Ela conta que nenhuma das cerca de mil mulheres que tem registro de acolher ao longo de uma década escolheu viver dessa forma. “Elas nunca tiveram o elemento essencial do ser humano: amor.”

O trabalho é original. Enviada de sua cidade natal San José, no Uruguai, a freira veio para o Rio de Janeiro porque não havia nenhuma atividade deste tipo na região. A missão na Vila Mimosa é bem conhecida na Paróquia Santa Terezi-



A capela São José, ao lado da principal zona de prostituição do Rio, é onde acontece o primeiro contato entre as mulheres e os voluntários

Créditos: Julia De Cunto

nha, na Tijuca, a sede da congregação, e atualmente conta com 27 voluntários, incluindo irmã Maribel. Hoje, aos 33 anos, ela afirma que mudou sua forma de pensar em relação à prostituição, e vê as mulheres como suas irmãs, chamando-as carinhosamente de “tesouros”.

Depois do primeiro contato com as mulheres na capela, elas são atendidas uma vez por mês no centro de acolhimento da Fraternidade Talitha Kum, na Rua Paraíba, também na Praça da Bandeira. Lá, são convidadas a participar de uma missa e em seguida, conversam individualmente com a irmã sobre suas vidas, sentimentos e anseios. Além disso, elas recebem uma cesta básica arrecadada por meio de doações de fiéis e apoiadores da missão.

Os conselhos da religiosa já ajudaram muitas mulheres a deixarem os galpões escuros da Vila

“Elas nunca tiveram o elemento essencial do ser humano: amor.”
Irmã Maribel

Mimosa e buscarem outras formas de gerar renda. Angélica (não revelou o sobrenome), de 28 anos, trabalhou como prostituta durante seis meses quando não via outra maneira de sustentar os dois filhos, um menino e uma menina de 2 e 8 anos. Depois que passou a frequentar a casa de acolhimento, começou a fazer oficinas para confecção de panos de prato oferecida por uma das voluntárias, e hoje vive da venda desses produtos. “Minha autoestima melhorou muito e não tenho mais vergonha do

que eu faço”, conta a jovem. Irmã Maribel também conta que ajudou uma das moças a fazer um currículo, e logo depois ela foi contratada numa empresa de serviços gerais, e já encontrou outra trabalhando no caixa do supermercado Mundial. “Eu nunca tirei ninguém da prostituição, eu apenas aconselho e respeito a liberdade de cada uma. Elas mesmo é que saíram”, conta a uruguaia.

Mas nem todas tiveram a mesma sorte. V., que prefere não ser identificada, tem 18 anos e trabalha na Vila Mimosa desde os 15, depois que teve seu primeiro filho. O pai da criança não assumiu o bebê porque era procurado por tráfico de drogas. Há seis meses, ele foi assassinado na sua frente, por membros de uma gangue rival. Ela conta que trabalha muito, chega a fazer 30 programas por semana e ganha 50 reais por cada um. As únicas pessoas de fora da

Vila Mimosa que sabem sobre seu trabalho são a irmã Maribel e as voluntárias da fraternidade. A família e os amigos acham que ela é faxineira. Conversar sobre a prostituição é, para V., muito difícil. “Já fui espancada e estuprada mais de uma vez depois de negar fazer coisas que eu não queria.” Ela espera que aos 20 anos possa deixar o lugar, mas por enquanto não vê outra alternativa para se manter.

Roseana (sobrenome não divulgado) frequenta o centro de acolhimento há três anos. “Acho legal, isso ajuda muito as pessoas. E eu me sinto bem na religião católica, gosto de rezar.” Ela trabalha como prostituta desde os 18 anos, e hoje, aos 38, depende da ocupação para sustentar oito de seus nove filhos – o terceiro, Anjo, foi morto em 2013 por uma bala perdida – e mais três netos, sem qualquer ajuda dos seis homens de quem engravidou. Seu maior desejo é

deixar a Vila Mimosa, onde oferece seus serviços desde 1996, quando o conjunto de casas na Zona do Mangue transferiu suas atividades para o galpão na rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira, para que em sua antiga localização fosse erguido o prédio da prefeitura, hoje conhecido popularmente como “Piranhão”.

“Eu nunca tirei ninguém da prostituição, eu apenas aconselho e respeito a liberdade de cada uma. Elas mesmo é que saíram”
Irmã Maribel

O bairro mantém as condições necessárias ao funcionamento dos bordéis: região central de fácil acesso e bem servida de transporte público. A lendária zona de prazer da capital fluminense funciona 24 horas, sete dias por semana, e tem em torno de mil prostitutas tra-



A fraternidade, localizada na Praça da Bandeira, recebe mulheres em situação de prostituição às segundas e quintas para atendimento

Créditos: Julia De Cunto

balhando diariamente. É frequentado em média por 5 mil pessoas por dia, número que aumenta muito na sexta-feira e no sábado quando a rua é fechada para passagem de carros. Há também cerca de 170 comerciantes, ocupando trailers e bancas onde são vendidos objetos como roupas íntimas, cosméticos, comidas e bebidas e aglomerando prostitutas, clientes, curiosos e vendedores ambulantes.

Há dez anos, Marialva da Silva ganha a vida vendendo produtos como cosméticos, roupas, bijuterias, artigos de decoração baratos e outras quinilhanias entre os becos da Vila Mimosa. A mercadoria que faz mais sucesso entre as clientes são os batons da marca Natura, vendidos a um preço especial devido à procedência incerta. A comerciante também frequenta todo o mês a casa de acolhimento da Fraternidade Thalita Kum, já que

a cesta básica doada é uma forma de ajudar nas despesas da casa, onde falta água, gás e luz, devido ao atraso nas contas. “A irmã é bem rígida, se você veio no dia errado pode até participar da missa, mas não leva a cesta. Mas, de qualquer forma, é uma ajuda necessária para quem tem pouco como eu.”

No dia 8 de dezembro, a fraternidade Thalita Kum comemorava o dia de Nossa Senhora da Conceição.

A irmã Maribel falava com naturalidade para algumas prostitutas presentes na missa que a Imaculada Conceição era a ideia de que a mãe de Jesus também foi concebida pela graça divina, isto é, sem o pecado original.

O assunto não gerou qualquer desconforto entre mulheres que vendiam seus corpos, que cantavam as músicas com entusiasmo. A mensagem no sermão de Maribel estava na renovação da esperança que a Virgem Maria representava, lembrando que a santa é mãe, assim como muitas daquelas que ali estavam. “Sabe, se Deus se fez na forma de um menino, nascendo num presépio, no meio do nada, como é que a gente pode achar que não é digna do amor dele?”, dizia a freira.

De tudo o que viveu em uma década de trabalho dedicado às mulheres da Vila Mimosa, para Irmã Maribel, o que realmente fica é a lição de tolerância: “O que as pessoas devem entender é que poderia ser eu, você ou qualquer um de nós no lugar delas. E talvez nós não tivéssemos a força e a coragem que elas têm para enfrentar tudo isso.”



Há dez anos no Brasil, Irmã Maribel é quem conduz a missa para as mulheres atendidas na fraternidade Thalita Kum, no Rio de Janeiro

Créditos: Julia De Cunto

São Jorge de Bordel

Trabalhadores da famosa vila de prostituição professam sua fé

Daniella Vianna

Santo de casa faz milagre? Ao atravessar os bares da Rua do Matoso, próximo à Praça da Bandeira, é possível perceber a forte relação entre religião, especialmente de matriz africana, e os trabalhadores da Vila Mimosa. As imagens de entidades são presentes na maior parte dos ambientes. Os gerentes dos bares também têm uma forte relação com o Candomblé e a Umbanda.

O muito conhecido e popular São Jorge também se faz presente nos diversos bares ao longo a Vila. Esta é uma tradição em ambientes de prostituição. Ela deu origem ao ditado “São Jorge de Bordel”. A frase é usada para pessoas e, principalmente, autoridades que presenciavam situações graves, como de corrupção, mas ficam passivos, não fazem nada. Eles apenas observam como os santos pendurados nas paredes.

No Brasil, o santo é associado pelo sincretismo religioso ao orixá Ogum. Esse orixá é responsável pela luta e pelo trabalho. Ele é um guerreiro e, por isso, sua associação ao santo católico. Em alguns locais, fora do Rio de Janeiro, a associação dele é feita com outros santos como São Sebastião ou Santo Antonio.

Essa relação é tão forte que, em novembro de 2016, a Umbanda foi homenageada com o título de Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. A religião surgiu, na capital fluminense, e hoje está espalhada pelo Brasil. E marcada pela pre-



São Jorge e seu cavalo atacando o dragão uma das imagens mais comuns na Vila Mimosa

sença na Vila Mimosa.

Cada casa, dentro da Vila, tem seu líder espiritual, um Pai de Santo. Eles são babalorixás que realizam limpezas espirituais no ambiente, explicou P*, gerente de uma casa. Essas limpezas ocorrem de acordo com a necessidade da casa. Normalmente, quando ocorre queda no movimento de clientes ou problemas entre funcionários da casa. Segundo ela, “99% das donas das casas na Vila são religiosas,” e completa “Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. A religião surgiu, na capital fluminense, e hoje está espalhada pelo Brasil. E marcada pela pre-

As religiões como o Candomblé e a Umbanda, muito comuns na Vila Mimosa, exigem disciplina de seus seguidores. Eles devem passar por processos de limpeza de acordo com os rituais que serão praticados. O jejum de certos alimentos e práticas sociais variam de 24 horas a mais de 15 dias. P* declara: “Eu achava que os evangélicos eram mais rigorosos”.

Para P*, a religião ajuda a aguentar e superar as dificuldades do dia a dia dentro das casas de prostituição. Nessas casas as imagens são de Exus e não de Orixás. Eles apresentam funções diferentes. Os exus são en-

tidades dúbias. Elas podem proteger e trazer benefícios aos seus fiéis, mesmo que resulte em prejuízo para outras pessoas. Já os Orixás são seres de luz que realizam o bem. Isto ocorre em rituais da Umbanda. A gerente afirma: “Não é possível trabalhar dentro da Vila Mimosa tendo outro tipo de religião.”

As imagens de Malandros e Cabarés são usadas para atrair clientes e também por proteção. Um funcionário R* revelou praticar a religião desde pequeno, no que seria uma espécie, de herança de família. “É uma herança de família, não tem como fugir,” comenta. Contudo, isso

não é unanimidade. Alguns afirmam acreditar em Deus, mas não são fiéis a nenhuma religião específica.

A religiosidade está presente também nas vestimentas de alguns funcionários. Em alguns minutos de observação, são vistas blusas com São Jorge e Iemanjás estampadas. O uso de acessórios como guias e adereços é frequente. Os altares ficam ao fundo dos bares, acompanhados de velas e incensos. Nos quartos usados pelos clientes não havia imagens religiosas.

Um exemplo de diversidade religiosa é a Capela de São José. Ela é localizada na Rua Hilário Ribeiro paralela à A Rua do Matoso. Uma igreja simples, quase imperceptível. Tanto que passantes e funcionários vizinhos ao local não sabiam seu nome ou se funcionava. A comprovação de seu funcionamento veio por acaso. Uma comerciante, afirmou que ocorrem missas aos domingos. Segundo uma funcionária da Vila Mimosa, as igrejas distribuem cestas básicas para as famílias da região. “Tem uma igreja aqui dentro que dar cesta básica para as meninas,” explica.

Mesmo em um número cada vez maior no país, nas ruas adjacentes não foi encontrado nenhum templo evangélico. Alguns gerentes disseram que os evangélicos visitavam com frequência, mas depois de um tempo deixaram de ir à Vila Mimosa. A rua do Matoso é um ambiente de livre circulação de uma religião tão marginalizada em outras partes da cidade.

Maternidade e Prostituição

Há 15 anos, Rafaela sofre com a vida dupla. Ela é mãe e garota de programa

Thaynara Lima

Divida entre o papel de mãe e o de prostituta, Rafaela, uma mulher de 35 anos, três filhos, solteira e moradora na Baixada Fluminense, fez seu primeiro programa quando ainda tinha 20 anos. Sem família e sem emprego a prostituição tornou-se sua única forma de sustento. A grana, dita fácil por muitos, não parecia ser tão fácil assim. Vender seu corpo, seu prazer, sua vida, em troca de poucas notas, não parece um bom negócio quando se vive dele. Eram necessários muitos programas em um dia ou noite, para conseguir se sustentar sozinha. Após alguns meses, Rafaela descobriu sua primeira gravidez. “O pai deve ser algum cliente”, disse. As coisas ficaram mais difíceis. Como continuar na prostituição tendo um filho? Como sustentar um filho sem emprego? Como arrumar um emprego sem estudo?

Seu filho nasceu e, com isso, Rafaela teve uma dificuldade ainda maior para arrumar emprego. Passou mais um tempo se prostituindo na Vila, e quando seu filho já tinha 2 anos e 6 meses, conseguiu uma nova ocupação, como vendedora de loja. Permaneceu no emprego por poucos meses e foi demitida. Para sustentar a si própria e ao filho, Rafaela voltou para a VM.

Em seu retorno, os primeiros sinais de problemas psicológicos apareceram. A depressão a atingiu de forma devastadora. Ter que se vender para dar o sustento ao filho foi ainda mais difícil, depois de trabalhar em outro emprego, onde não era humilhada e não precisava



A vida dupla é comum na VM. As mulheres se dividem entre a família e a prostituição. Uma por necessidade e outras por ostentação

esconder. Não bastassem os problemas, uma segunda gravidez aconteceu, fazendo com que a depressão ficasse ainda maior. Rafaela tinha mais uma boca para sustentar e ainda não tinha um emprego.

“Pensei em abortar! Em me matar, mas não tive coragem pra nada.”
Rafaela dos Santos

“Pensei em abortar! Em me matar! Pensei tanta coisa, mas não tive coragem para nada. Eu já tinha um filho e não podia abandoná-lo”, desabafou. Vivendo entre a prostituição e empregos irregulares, Rafaela teve seu segundo filho e a depressão parecia dar espaço ao amor que sentia pelos meninos. Assim, ela foi se mantendo na troca de empregos, na vida dupla, sem apoio e sem família. Apenas ela por eles.

Alguns meses após o

nascimento de seu segundo filho Rafaela conseguiu um emprego de diarista. Trabalhava três vezes por semana em cada uma das duas casas que foi contratada. Com o dinheiro das faxinas, Rafaela sustentava sua família e conseguia pagar uma babá para as crianças. Assim, ela foi vivendo bem por pouco mais de um ano. Neste período Rafaela teve um relacionamento e as coisas pareciam se ajeitar em sua vida. “Era uma fase muito boa, sabia? Eu vivia bem, cuidava bem dos meus filhos, não precisava mentir para ninguém, tinha um namorado. Até eu engravidar, aí tudo desandou de novo”.

Após descobrir a terceira gravidez, a vida de Rafaela voltou a mudar. Não muito tempo depois, ela perdeu seu emprego de diarista, enquanto ainda estava grávida. O pai do menino que ia nascer não o assumiu, ficou com Rafaela um tempo durante a gravidez e a largou, sem dar satisfação e sem ajudar em nada no sustento e criação da criança. O abandono e

o desemprego fizeram com que Rafaela voltasse para a Vila Mimosa pouco tempo depois do nascimento do terceiro filho. Na mesma casa em que sempre trabalha, Rafaela se reapresentou.

A gerente de uma das casas, nos contou sobre como funcionam as coisas por lá. Não há cafetinagem, que é crime no Brasil de acordo com os artigos 227 e 230 do código penal. A Vila Mimosa é “uma espécie de motel”, comenta Suzana. “Aqui a gente aluga os quartos. Não nos envolvemos com o processo de prostituição. As meninas alugam o quarto por no mínimo 20 minutos e o único dinheiro que recebemos é do aluguel. A gente não se mete com o dinheiro do trabalho delas.”

Suzana conta que se ocupa com as meninas que vão alugar um quarto para se prostituir pela primeira vez: “Eu sempre converso. Acho importante conversar com elas”, enfatiza a gerente. “Falo dos riscos, explico que devem estar sempre atentas, alerta que não de-

vem prometer fazer nada que não farão e, caso prometam, devem cumprir, para evitar problemas. Explico que é complicado...”

Assim, Rafaela vai e volta para a Vila Mimosa sempre que necessário. Sua história se confunde a de muitas outras. A vida dupla de uma garota de programa com filhos é tão comum na VM que existe uma senhora que cuida das crianças das prostitutas. “Algumas mulheres se prostituem por necessidade, outras por ostentação”, conta Suzana, quando perguntada sobre as mulheres que se prostituem.

Hoje, com 35 anos, Rafaela estuda e almeja um futuro melhor. “Vocês estão aqui, me entrevistando, com certeza, achando que sou só mais uma prostituta. Mas não, eu queria muito estar como vocês: fazendo trabalho da faculdade. Eu estudo também, estou no 5º ano e um dia eu vou fazer faculdade. Quero ser psicóloga ou assistente social. Dar um futuro mais digno para os meus filhos.”

As meninas da Vila Mimosa

O que leva uma mulher a se prostituir na maior zona de meretrício do Rio?

Gabrielle Nunes

Short curto, top mostrando a barriga, cabelos longos, maquiagem forte e colorida. Assim se veste a maior parte das profissionais do sexo na Vila Mimosa. Elas levam uma vida sem glamour nas ruas e vilas do local, nas boates apertadas e nos minúsculos quartos sujos. A descrição sobre a vida que levam fora dali é quase absoluta.

Mas como é essa vida paralela à prostituição? Quem são essas mulheres e como elas foram parar na Vila Mimosa?

Algumas das “meninas da Vila” encontram na prostituição a única oportunidade de dar aos filhos uma vida digna. Outras, estão lá temporariamente para pagar os estudos. Cada uma com sua motivação, suas histórias se entrelaçam nas calçadas da Vila Mimosa.

Conversando com as mulheres que ali trabalham, não é difícil perceber que a maior parte tem filhos. Aline e Brenda são duas das mães que buscam o sustento para seus filhos nas ruas sujas da região.

Aline tem dois filhos, de 12 e 13 anos. Ela era casada com o pai dos meninos até dois anos atrás mas, após o divórcio, não conseguiu mais sustentar a casa e os filhos. Encontrou na Vila Mimosa a solução para os problemas financeiros, há um ano e meio.

Ela se dedica à educação dos garotos e garante que eles estejam na escola durante a semana. Nos finais de semana, os meninos ficam na casa do pai e Aline vai para a Vila Mimosa,

onde trabalha de sexta à domingo. A moça garante que os filhos são sua prioridade: “Tem menina que não liga e abandona as crianças, mas eu não. Eles ficam comigo a semana toda e faço questão de eles irem à escola”.

Já Brenda nunca se casou. Ela também tem um filho de 13 anos e trabalha na Vila Mimosa para complementar a renda da família.

Brenda engravidou aos 17 anos, de um então namorado que nunca assumiu o filho. Para sustentar a criança, já trabalhou como manicure e diarista, mas a renda não era suficiente e Brenda precisava da ajuda de familiares - com que

“É muito difícil se sustentar no Rio de Janeiro, a gente acaba ficando por aqui”

Flavia

nem sempre podia contar.

A moça trabalha de três a cinco noites por semana, dependendo do movimento. Nesses dias, o menino fica com a avó - que não conhece a profissão da filha.

Dentre as meninas que chegaram à Vila em busca de um emprego que pague as contas e os estudos, está Flavia.

A loira, natural de Santa Catarina, chegou ao Rio de Janeiro há três anos com a esperança de conseguir uma vida melhor que a que levava em seu estado. Com dificuldades para se estabe-

Fábio Teixeira

lecer na cidade, conheceu uma mulher que a convidou para trabalhar no local.

Embora já esteja na Vila Mimosa há pouco mais de dois anos, Flavia garante que o trabalho é temporário. Matriculada para cursar Direito a partir do começo de 2017, a jovem pretende continuar na prostituição enquanto precisar do dinheiro para pagar a faculdade.

“Eu quero focar na faculdade e encontrar um estágio na área. Mas o Rio de Janeiro é uma cidade muito cara, é difícil se sustentar e a gente acaba ficando por aqui.”

A catarinense é solteira, vive sozinha e não mantém contato com sua família. Os laços foram deixados para trás quando saiu do Sul do país em busca da nova vida.

Ela não é a única a viver sozinha na cidade. Vanessa cresceu na Baixada Fluminense e se mudou para a capital ainda na adolescência para morar com um homem mais velho.

Visivelmente incomodada ao falar sobre o assunto, a moça demonstra guardar cicatrizes daquele relacionamento que a fez sair da casa dos pais. Apesar do namoro ter terminado há alguns anos, Vanessa continua morando no Rio de Janeiro.

Foi quando saiu da casa do ex-namorado que a jovem começou a trabalhar na Vila Mimosa. Ela prefere não dizer há quantos anos trabalha no local, mas ressalta que nunca mais namorou. “Eu me acostumei com a minha liberdade. Prefiro trabalhar aqui que ter um homem me bancando e mandando em mim.”

